

# Comentário sobre a conferência “O nascimento do Eu desempoderado”, de Marion Minerbo<sup>1</sup>

Lisiane Milman Cervo<sup>2</sup>

Quero agradecer o convite da nossa competente Comissão Organizadora da Jornada, especialmente a Cristiane Paixão, pelo enorme prazer em participar da interlocução aqui contigo, Marion, nessa excelente Conferência! Conseguiu transmitir de forma acessível teu pensamento clínico criativo e embasado em consistente alicerce metapsicológico, o que vem sendo a marca autoral das tuas produções!

Nessa Conferência sobre o *Nascimento do Eu desempoderado*, desde o título nos vemos convidados a ingressar contigo numa brincadeira, em que, de largada, a proposta é evocar uma expressão que está muito em voga na atualidade – o *Empoderamento* –, para imaginar o que poderia ter acontecido na matriz constitutiva de um Eu Desempoderado, um Eu que não chega a ter domínio sobre a própria vida. Aqui, já aparecem evidências de dois grandes marcos do teu pensamento: o interesse em torno da constituição psíquica do sujeito e o pressuposto de que não é possível conceber o nascimento do Eu sem a noção de intersubjetividade, sem pensar no interjogo do inconsciente de um bebê com o inconsciente das figuras primárias que povoaram precocemente sua vida. O tom lúdico segue ao longo de toda a conferência, através dos passeios imaginativos, do uso de uma linguagem coloquial; ou ainda da sutileza em que é enunciado o *Desempoderamento Generalizado* do Eu, numa alusão à teoria da *Sedução*

---

<sup>1</sup> Conferência proferida na Jornada da Brasileira – O Nascimento do Eu, em 5/11/2021.

<sup>2</sup> Membro titular com função didática da SBPdePA.

*Generalizada* de Laplanche (teoria essa na qual já identificamos o relevo dado às formas de presença do objeto).

Nessa exposição, como em outros dos teus textos, fica muito nítido o teu alinhamento ao pensamento do Roussillon (2010/2015), que coloca em destaque o **modo de presença do objeto primário**: se houve situações traumáticas, de desqualificação recorrente, maltratos, etc. Vemos então um avanço em relação ao modelo clássico, que enfatizava especialmente a ausência (perda, castração), passando a uma *Metapsicologia da Presença*, sempre sustentada na **Dialética Presença/Ausência**, já que uma não pode se revelar sem a outra.

Isso aparece ilustrado no caso da Manuela, que se torna tão dependente do seu objeto primário, o qual, longe de ter se ausentado, teria se feito excessivamente presente, uma onipresença. Com isso, houve poucas possibilidades para as explorações autoeróticas e para o exercício da capacidade de estar só. O objeto teria interpretado qualquer movimento de separação-indivuação da criança como agressão ou abandono, minando repetidamente suas tentativas de autonomia. O Eu, ao invés de ir gradualmente ampliando competências, vai *murchando*, rumo ao apagamento, o que vai configurando as raízes desse tipo de depressão.

A partir dessas ideias, lembrei de outros aportes de psicanalistas contemporâneos, que ajudam a pensar em casos como o de Manuela. Um deles é um texto de Raquel Zak Goldstein, psicanalista argentina, chamado *Demanda de dependência revertida: a criança como objeto transicional da mãe* (1994). No texto, Raquel explica que após o tempo do narcisismo fundante, da *sua Majestade o Bebê*, deveria haver o tempo de um desencontro libertador, da desilusão. Mas há casos em que isso não é suportável para a mãe, havendo uma *patologização da dependência*: a criança real é tomada como um objeto para transicionalizar, sendo transformada numa coisa-suporte para a mãe. A criança, através da reversão do seu direito a depender e a ser amparada, transforma-se em suporte para expectativas maternas. Em um primeiro tempo, é a mãe quem segue com demandas por amparo infantil e não pode suportar a separação do seu objeto primitivo de amor.

Essa descrição se aproxima à ficção, em que Manu fica com a sensação de que as coisas estavam invertidas, como se a mãe fosse a filha e Manu a mãe. Há também uma questão *transgeracional* enlaçando três gerações de mulheres, como se a mãe estivesse confundindo Manu com sua própria mãe, de quem teria recebido migalhas de amor.

Voltei a lembrar de Roussillon (2010/2015), quando ele considera que *não há uma fase simbiótica normal*, porque a diferença está presente desde o início: é natural que um bebê passe por uma dependência absoluta de sua mãe,

para sobreviver e se constituir; mas um adulto não dependeria de seu bebê para sobreviver, portanto não se trata de uma interdependência física mútua, como o termo é usado na biologia. Quando há uma situação de codependência no vínculo precoce, temos a patologia desse vínculo, como aparece no caso de Manu com sua mãe. Além disso, para a mãe *grudar* em Manu, suponho que também houve uma *falha na função terceira*, exercida por alguma outra presença que pudesse favorecer a separação sujeito-objeto, ou apresentar para a criança uma outra narrativa histórica. Mas para Manu, como para outros tantos pacientes não neuróticos, a instalação da função terceira muitas vezes acaba se dando somente a partir da *presença de um analista* e do que pode ser criado, a posteriori, através da relação transferencial.

Outra descrição clínica muito valiosa é a de que Manu sente **a sombra do objeto** caindo e colonizando seu Eu, o que de antemão nos conduz a uma referência clássica de Freud, em *Luto e melancolia* (1917/1980a). Sobre essa expressão, Roussillon entende que a Sombra do Objeto que pousa sobre o Eu apresentaria um objeto em que faltou reflexividade, espelhamento e empatia em relação às demandas genuínas do bebê. Christopher Bollas tem um livro chamado *A sombra do objeto: psicanálise do conhecido não pensado* (1987/1992). Um dos meus capítulos preferidos desse livro tem o título de **Introjeção extrativa**. Para Bollas, a *introjeção extrativa* é um procedimento intersubjetivo em que uma pessoa *rouba* um elemento da vida psíquica de outra, tal como na história de Manu, em que a mãe teria *extraído* a autonomia e as capacidades da filha, para sentir-se empoderada. A criança pode então ficar anestesiada e incapacitada para recuperar a parte roubada de seu self, se essa operação for feita cumulativamente por um de seus objetos primários. Ela é roubada até mesmo de sua capacidade de brincar e de sua alegria; há um esvaziamento de partes do self, que deixa um vazio dentro de si. Bollas diz que quem é vítima desse processo, sente uma *vaporização de sua estrutura psíquica*.

Ao longo dessa conferência, vamos compreendendo o sentido da expressão *a criança-no-adulto*: diz respeito àquelas partes do psiquismo que não puderam ser integradas, porque permaneceram *enroscadas* naquelas identificações constituídas em resposta ao objeto primário. Aqui nos encanta a forma original de acessar o Universo Infantil de um paciente adulto, contando uma história através da voz de uma criança, numa espécie de testemunho da situação traumática. Nesse exercício imaginativo, tu nos emprestas tua capacidade de sonhar, para a **construção analítica** dessa ficção sobre Manu.

Sobre **Construções em análise**, desde Freud (1937/1980b), entendia-se que a tarefa do analista era a de inferir aquilo que foi esquecido e comunicar ao sujeito um fragmento de sua *verdade histórica*, visando o **retorno do**

**recalcado.** Na psicanálise contemporânea, estudamos também como seriam as construções com pacientes não neuróticos, em que tratamos de formular, às vezes pela primeira vez, algo que ainda está na ordem do irrepresentável ou do não-simbolizado. Buscamos então acessar o **retorno do clivado**, dos traumas precoces, não verbais. Através da sua função simbolizante, o analista conta ao paciente as marcas do seu Infantil, dando figurabilidade a sua história emocional. A tendência à repetição, na transferência, apresenta-nos o que se passou nos vínculos primários (como no exemplo da Manuela, a repetição seria usar a análise como *muro de arrimo*). Mas é através da relação analista-paciente que temos a chance de inaugurar um novo modelo de presença, que retire o sujeito de sua posição de submissão e lhe permita tomar as rédeas da sua vida.

O admirável na tua ficção, Marion, é o talento com que reavivaste os afetos da vida da Manu, que justamente haviam sofrido um apagamento, uma vaporização! Sobre essa capacidade de retratar a mente de uma criança, é preciso dispor de uma **função narrativa**, em que o analista, além de ser um *escutador* de histórias, faz-se também um *contador* de histórias. Essa é uma das tantas pontes entre a psicanálise e a literatura! Quando li a *historinha* da Manu, lembrei de um livro de literatura chamado *Enclausurado*, de Ian McEwan (2016). O inusitado desse livro é que o protagonista da história é um feto, que escutava intraútero uma conspiração entre sua mãe e seu tio, para matar seu pai. Toda narrativa se concentra na voz do bebê ainda sem nome, que, aprisionado no útero de sua mãe, ouvia impotente essa trama. Pensei na Manu também como **enclausurada**, aprisionada não no útero, mas na problemática de sua mãe, impotente para empoderar-se de sua existência. Tanto a ficção do livro quanto a história de Manu são tentativas de tornar o bebê/a criança o sujeito principal da própria história, rumo ao Nascimento do Eu! Mas enquanto a ficção do *Enclausurado* é hilária, pela estranheza diante de um feto hiperculto, dotado de habilidades impensáveis para um bebê, a história criada para a Manuela é calcada em uma escuta analítica acurada e em conhecimentos psicanalíticos que iluminam sua verdade emocional.

Por fim, lembrando que muitos escritores começam a refinar sua escrita em oficinas literárias, fiquei desejosa de que pudéssemos exercitar esse modelo de construções em análise, que tu nos transmitiste aqui com tanta fluência! Nesse sentido, queria te escutar sobre a experiência com o teu modelo de Atelier Clínico, para praticar essa arte de compor o mundo pelos olhos da criança que habita o adulto atendido! Muito obrigada!

## Referências

- Bollas, C. (1992). Introjeção extrativa. In *A sombra do objeto: Psicanálise do conhecido não pensado*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1987)
- Freud, S. (1980a). Luto e melancolia. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1917)
- Freud, S. (1980b). Construções em análise. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 23). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1937)
- McEwan, I. (2016). *Enclausurado*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Roussillon, R. (2015). La dialéctica presencia-ausencia: para una metapsicología de la presencia. *Revista de la Sociedad Argentina de Psicoanálisis*, 19, 93-115. (Trabalho original publicado em 2010)
- Zak Goldstein, R. (1994). El niño como objeto transicional de la madre: Demanda de dependencia revertida. *Anais do III Encontro Latino-Americano sobre o pensamento de Winnicott*.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA  
Revisão de português: Mayara Lemos

Recebido em: 22/03/2022  
Aceito em: 22/03/2022

Lisiane Milman Cervo  
Rua Florêncio Ygartua, 391 / 202  
90430-010 – Porto Alegre – RS – Brasil  
E-mail: lisimcervo@gmail.com